Esc. Sr. Eng. José L. N. Santos 37-3-E

Ano III — Lisboa, Dezembro de 1947 — N.º 32

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

NÚMERO AVULSO 1$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

OS JOGOS NA EDUCAÇÃO ESCOTISTA

Se a finalidade da educação escotista é fazer revelar no rapaz as suas boas qualidades e os seus defeitos, no intuito de desenvolver e fortalecer as primeiras e corrigir e anular os segundos, surge como primeira necessidade de todo o dirigente escotista o perfeito conhecimento dos métodos a usar para atingir tão elevados objectivos.

Baden-Powell definiu assim o Escotismo: —*É um JOGO no qual irmãos e irmãs mais velhos têm ocasião de proporcionar a seus irmãos mais novos um meio são, e de os encorajar a uma actividade sã que os possa ajudar a desenvolver o seu civismo.* E foi tal o interesse que o Chefe mostrou pelos jogos, prova evidente do seu profundo conhecimento da psicologia do rapaz, que teve o cuidado de abrir o primeiro capítulo do seu livro *Scouting for Boys*, o livro base do Escotismo, com as seguintes palavras: —*A instrução dos escoteiros se fará tanto quanto possível por actividades, jogos e concursos.* Mais adiante recomenda: —*Dai-lhes jogos e exercícios que correspondam aos seus desejos.*

Para que se possa avaliar devidamente o valor do jogo como factor educativo e assim justificar a razão por que o encontramos em lugar de tão grande relevo no Escotismo, é mister estudar o interesse que ele tem para a criança e para o adolescente, visto que estes encaram o jogo de uma maneira completamente diferente da do adulto. Para o adulto o jogo é uma actividade secundária, uma distracção para as horas de ócio, que serve para amenizar as asperezas do trabalho. Não acontece assim com a criança; para ela o jogo é a verdadeira finalidade da vida, a coisa que lhe proporciona mais prazer, necessidade instante, instrumento ideal para exercitar, para treinar todas as suas faculdades físicas e psíquicas. Para o adolescente, embora já com obrigações escolares a cumprir, o jogo mantém o mesmo carácter, precisando de jogos que apelem às suas energias em desenvolvimento, que satisfaçam o seu instinto latente de luta, o seu anseio de movimento e de acção. Segundo afirma Vera C. Barclay, valorosa dirigente inglesa de lobitos, *jogar é* (para os rapazes) *a verdadeira função da vida, e o trabalho é que é a interrupção.*

Para os jovens o jogo continua ainda a merecer o maior interesse, satisfazendo o natural desejo de exibição, proporcionando-lhe oportunidade de demonstrar a sua destreza, o seu vigor e energia, satisfazendo o instinto combativo e aplicando-o num campo inofensivo.

Verificamos assim que em todas as idades da infância e da adolescência o jogo se reveste de uma importância extraordinária, sendo uma actividade tão desejada, quanto necessária.

Em face do jogo o rapaz alegra-se, dá largas à sua satisfação, dá-se de corpo e espírito ao cumprimento das suas respectivas regras. Portanto, se o rapaz assim se entrega a tal actividade, certamente se revelará, deixando sobressair os seus defeitos e as suas qualidades. Por isso o dirigente deve acompanhar todas as fases do jogo, observando atentamente as reacções do escoteiro e, em especial, notando o seu comportamento perante os companheiros, e a disciplina às directrizes do jogo.

Todo o jogo possuirá regras precisas, bem conhecidas de todos os praticantes, regendo eficientemente toda a actividade, às quais se exigirá o mais rigoroso cumprimento. Tal facto exercerá uma primorosa acção educativa no espí-

(Continua na 2.ª página)

As origens da Revolução do 1.º de Dezembro de 1640

É a nossa História pródiga em actos de grande bravura, que honram aqueles que foram seus executantes. Desde D. Afonso Henriques, quantas e quantas virtudes encontramos nessas figuras inconfundíveis dos nossos ascendentes, muitos deles esquecidos injustamente pelas brumas do passado.

Que excepcional temeridade a dessa massa desconhecida dos bravos conquistadores de Santarém e Lisboa e dos soldados de Aljubarrota e de Valverde! Que heróica abnegação provaram os nossos mareantes ao singrar os mares desconhecidos até ao Oriente, ao Brasil, à Terra Nova! Que ousados, os valentes da Índia, os combatentes decididos do Bussaco e de La Lis! Todos eles nos legaram lições mui proveitosas, toda essa pléiade de heróis nos apresenta uma virtude, um exemplo por onde podemos aperfeiçoar as nossas vidas.

(Continua na 2.ª página)

Boas-Festas

O «SEMPRE PRONTO» *apresenta a todos os seus estimados amigos, assinantes e colaboradores, os sinceros desejos de um Natal muito feliz.*

Os jogos na educação escotista

(Continuação da 1.ª página)

rito de disciplina do rapaz, ao mesmo tempo que proporcionará oportunidades magníficas para corrigir muitos defeitos que vai revelando, não permitindo a deslealdade, a brutalidade, o egoísmo, o individualismo; da mesma forma que desenvolve o espírito de iniciativa e de cooperação, a lealdade, a generosidade, exercitando a perseverança, a presença de espírito, a coragem, o ânimo na adversidade, o respeito pelo vencido, o golpe de vista, o espírito de observação, etc., qualidades e sentimentos imprescindíveis à prática de todos os jogos, tudo dependendo da aplicação conveniente das suas diversas modalidades e de harmonia com as aptidões físicas dos praticantes.

Sem dúvida, o jogo é um importante factor educativo e por isso o Dr. Carlos Gross, na sua obra «O Brincar como Factor Psicológico», declara: — *Vemos que o jogo infantil é um das grandes meios, sem os quais seria impossível uma civilização.*

Num grupo de escoteiros o valor do jogo é ainda muito maior em virtude de proporcionar *o meio são* de que nos fala Baden-Powell. Quando um *recruta* entra em contacto com tal ambiente e verifica que, por exemplo, num jogo, que deveria ser de olhos vendados, se dispensa a venda, e é o próprio escoteiro que voluntàriamente conserva os olhos cerrados e *não vê*, tal facto terá mais efeito no seu carácter de que todos os conselhos que lhe possam ser dados sobre a lealdade. Se educar *é formar hábitos*, o jogo é a melhor maneira de os formar.

Toda a actividade escotista deve ser um jogo. Só assim poderá verdadeiramente interessar e apaixonar o rapaz. Delgado de Carvalho, na Sociologia Educativa, apreciando este aspecto do Escotismo, escreve: — *Todas as actividades são aproveitadas sob forma de jogo para formar enfermeiros, cozinheiros, sinaleiros, naturalistas, nadadores, químicos, bombeiros, recebendo o indivíduo as honras e os distintivos em que revelou, em exames, a sua proficiência.*

Parece-nos que se formos analisar a causa da decadência de muitos grupos de escoteiros, verificaremos que, na maior parte das vezes, ela residirá na ausência de jogos, dos bons jogos escotistas, bem ensaiados e regulados. Em nossa opinião, uma das primeiras iniciativas a tomar no dia em que o movimento escotista português tiver à sua frente elementos capazes de se in-

(Conclui na 3.ª página)

As origens da Revolução do 1.º de Dezembro de 1640

(Continuação da 1.ª página)

Mas, ao percorrermos as páginas desse grande Repositório de nobres feitos, com certeza que a nossa atenção há-de prender-se num acontecimento de características muito especiais: a gloriosa revolução de 1 de Dezembro de 1640! É que a Restauração de Portugal foi levada a cabo sòmente por amor a este nobre Torrão. Quem ousaria, como esses quarenta valorosos fidalgos, desafiar o poderio e a soberba desse tirânico Olivares, que, contra nós, poderia mandar toda a força de um poderoso império, como a Espanha era nessa ocasião. No entanto, eles o fizeram. O que era preciso era libertar a Pátria das ofensas de uma dominação humilhante, da violência de um jugo insuportável e da desonra de uns tantos portugueses, bajuladores dos nossos adversários.

E quando chegou a ocasião mais favorável para partir os grilhões que nos manietavam, esses quarenta bravos não olharam para trás. Muitos deles consideravam quase certo o malogro dos seus esforços, mas eles não poderiam ficar parados ante tanto sofrimento e lamentações, e, portanto, não recuaram, e assim que o duque de Bragança anuiu aos desejos dos portugueses de o fazerem rei, não perderam mais tempo: logo às primeiras horas do dia 1.º de Dezembro meteram ombros à audaciosa tentativa. Pouco tempo depois, um dos conjurados fazia flutuar ao vento a saudosa Bandeira de Portugal!

A que se deve o êxito do Movimento da Restauração? podemos perguntar.

Analisados todos os antecedentes desta gloriosa revolta, não podemos fugir a esta conclusão: deve-se sobretudo ao bom sentido de oportunidade daqueles que planearam a revolução, a vitória das armas portuguesas.

Realmente, se não tivesse sido aproveitado o desejo manifestado por todos os portugueses de ver restabelecida a independência de Portugal, cansados de tantos anos de opressão, e a circunstância de a Espanha se encontrar preocupada com a guerra na Catalunha, certamente que o êxito se tornaria muito problemático senão impossível.

Porém, muitos outros factores contribuiram para o bom sucesso da nossa independência. As terríveis represálias exercidas pelo primeiro-ministro espanhol, conde-duque de Olivares, produziam do ânimo dos Portugueses uma forte reacção. Quantos mais impostos eram lançados sobre o país, mais se abreviava a hora em que o jugo espanhol havia de ser sacudido. Por outro lado, as mutilações no nosso vasto império colonial, orgulho dos portugueses e donde lhe tinham provido riquezas fabulosas que tinham feito possível esse época esplendorosa de 1500, também contribuía em muito para esse desejo de liberdade.

Aproveitando e compreendendo este anseio manifestado pelo bom povo, a fidalguia continuava as reuniões secretas, preparando o dia em seria vibrado o golpe inevitável. Até que chegou. De nada serviram as espoliações com que Olivares julgava realizar o seu sonho: enfraquecer Portugal e, assim, preparar a Espanha para tornar-se um poderoso império universal.

Os seus actos tirânicos faziam lavrar por toda a parte uma atmosfera de desagrado e revolta. A guerra dos 30 anos desviava da Espanha forças com que ela poderia manter a ordem e a obediência ao poder central.

Estes prenúncios por fim tiveram a sua confirmação, quando os catalães, provocados pelos desmandos cometidos pela soldadesca castelhana entre a população, desmandos esses aprovados pelo Governo de Madrid, recorreram às armas e lhe infligiram severo castigo. Tinha estalado a revolta na Catalunha, que viria a atingir enormes proporções.

Várias medidas foram tomadas para a reprimir: em Portugal seriam alistados todos os moços em idade militar que iriam, acompanhados pelo duque de Bragança e toda a nobreza de Portugal, combater na nova frente.

Olivares acabava de nos desferir o golpe supremo. As suas prepotências haviam atingido o auge. Tinha chegado o momento de lhe respondermos devidamente.

Em todas as terras o desespero era completo; entre o povo, deplorava-se que os seus filhos tivessem de ir verter o seu sangue longe da Pátria e sem ser para sua defesa. Entre a nobreza, o clamor não era menor: dentro em pouco iriam pisar terra espanhola e, nesse momento, ficariam verdadeiros prisioneiros do governo de Madrid.

Foi então que apareceram João Pinto Ribeiro, João Sanches de Baena e D. Miguel de Almeida, incutindo entre os nobres a necessidade de responder dignamente a esta prepotência espanhola. A ideia foi ganhando partidários e o entusiasmo era cada vez maior. Toda a gente sa-

(Conclui na 6.ª página)

O Escotismo entre os doentes

O Escotismo foi criado essencialmente para rapazes sãos, em pleno vigor, levando-os para o ar livre, onde efectuam jogos, exercícios de movimento, que apelam à sua força física. São, pois, verdadeiramente surpreendentes os resultados que o Escotismo está alcançando quanto aplicado a doentes, sofrendo de males crónicos: cegos, surdos-mudos, paralíticos, imobilizados por doenças ósseas e outros.

Foi em 1927 que em Inglaterra se começaram a organizar grupos especiais para os doentes, com resultados muito satisfatórios, modalidade a que Baden-Powell deu o seu completo apoio.

Já há bastante tempo que chegavam até nós notícias deste interessante ramo escotista, porém, foi o «Jamboree» da Paz que nos revelou a grandeza desta Obra, a consagração notável dos seus dirigentes, e nos demonstrou os resultados preciosos conseguidos, não só na educação de crianças inválidas, mas na sua adaptação ou readaptação à vida, trazendo-lhes a felicidade e alegria que elas totalmente ignoravam.

Esta obra tem grande desenvolvimento em Inglaterra, onde existem 15 a 20 mil escoteiros inválidos; em França, ende existem 5 mil rapazes e raparigas; na Bélgica, Holanda, Itália, Suíça, etc. No «Jamboree» era dedicado a este ramo o **Campo de Extensão.** Ali acamparam, sob o cuidado de Chefes dedicadíssimos, 350 escoteiros, compreendendo um grupo de cegos, outro de surdos-mudos, outro de paralíticos e outro de imobilizados, todos franceses. Um grupo de paralíticos inglês, outro grupo belga de diversos e uma patrulha de italianos.

Num curto artigo de jornal é difícil definir as bases em que se fundamenta tão simpática modalidade escotista. Para a compreendermos necessitamos primeiro de nos aproximarmos das crianças atingidas por estes terríveis males, crianças incapacitadas de viver como quaisquer outras crianças sãs de sua idade, vivendo por vezes afastadas em hospitais e sanatórios, isoladas, outras imobilizadas, sem jamais poderem correr e saltar, brincar, entrar em contacto com a sociedade.

O escotismo conduz os rapazes sãos à natureza, à vida ao ar livre; quanto aos doentes, o movimento é exactamente inverso: procura trazer a natureza, a vida até junto deles. Descobre as suas faculdades intactas e procura oferecer-lhes uma actividade, de maneira tal que a criança descubra em si alguma utilidade. Proporciona-lhes o prazer da Boa Acção, aplicando no serviço do semelhante exactamente essas capacidades que a doença não atingiu. E é interessantíssimo ver como uma criança, cujo campo visual não vai além duma camarata dum sanatório, se interessa pelos mistérios do seguimento de pistas, de nós para os mais variados serviços de campo, da construção de fogueiras, de pontes, de sinalização homógrafo ou morse, vivendo na sua imaginação, fértil como é a imaginação infantil, aquilo que o seu corpo não pode fazer e trazendo-lhe a esperança duma desejada cura.

O Escotismo ocupa os doentes em trabalhos manuais, canções, música, jogos, tudo condicionado às suas possibilidades, e leva até a fazer campismo aqueles que, como os cegos, surdos-mudos e paralíticos, fisicamente o podem praticar.

Finalmente oferece um novo ambiente àquelas crianças que, na idade mais bela da vida, têm de encarar o sofrimento. E elas aceitam; apreendem a Lei, fazem a Promessa, aprendem a sorrir, tornam-se escoteiros na realidade. Vêm depois os médicos declarar que os doentes submetidos a esta acção educativa suportam com melhor ânimo o tratamento e conquistam um estado de espírito favorável à cura.

Nós vimo-los no «Jamboree», alegres e satisfeitos, vivendo a atmosfera entusiástica do grande acampamento, confraternizando, mesmo quando transportados em macas pelos seus irmãos-escoteiros válidos. O Presidente da República Francesa visitou-os no seu campo. Foi comovedor o entusiasmo com que eles, pequenitos ainda, apresentavam os seus trabalhos manuais e os seus trabalhos de campo. Não menos comovedor é o carinho que os Chefes, dirigentes destes Grupos, põem no seu trabalho. Eis uma modalidade escotista que seria interessante ensaiar entre nós.

E. R.

OS JOGOS NA EDUCAÇÃO ESCOTISTA

(Continuação da 2.ª página)

teressarem pelos problemos aducativos do Escotismo, será criar uma escola, curso ou treino de jogos escotistas para guias e chefes, onde os primeiros serão executantes e os segundos árbitros ou orientadores, proporcionando-lhes assim meios seguros de trabalho e o segredo do êxito de uma patrulha e de um grupo de escoteiros. Segundo Benjamim Sodré, *o segredo do bom chefe é ter sempre para atrair os escoteiros, uma surpresa, uma novidade. Essa surpresa é um jogo novo ou de há muito não jogado.*

Hora de luto

Estava o nosso jornal prestes a entrar na máquina quando a trágica notícia dos naufrágios que ceifaram a vida de 165 pescadores chegou até nós.

Não podemos ocultar a nossa comoção por tão grande desastre que vem trazer o luto e a dor a tantas famílias, lançar na orfandade tantas crianças, entristecer todos os bons portugueses.

É, portanto, com muita simpatia que acompanhamos a dor de todos os lares enlutados.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Doente—O nosso irmão escoteiro Manuel Dias Cruz, de Vila Real de Santo António, que, como noticiámos, se encontra muito doente e internado no Hospital do Rego, Serviço 1, Sala 1, Secção de Cirurgia, cama 27, tem conseguido algumas melhoras.

Este nosso camarada foi recentemente visitado por escoteiros dos Grupos 93 e 99, o que lhe deu grande alegria. Os escoteiros seniores que tenham oportunidade de o visitar dar-lhe-ão muito prazer visto que o doente não tem família em Lisboa.

De luto—Em 24 de Novembro findo faleceu no Porto o nosso estimado amigo e assinante Sr. Eng. Abel Mário Lehmann, tendo-se realizado o funeral no dia seguinte para o Cemitério de Paranhos.

O extinto era muito estimado não só no Porto, mas também em Lisboa onde viveu alguns anos,

A toda a família em crepes o «*Sempre Pronto*» apresenta sentidas condolências.

LIVROS

"Nobre Causa,,

O nosso estimado amigo e colaborador Sr. Eugénio Ribeiro Nunes, antigo escoteiro e Comandante dos Bombeiros Voluntários do Dafundo, fez publicar em opúsculo o drama em 2 actos «Nobre Causa» de sua autoria, que já foi representado diversas vezes, sempre com grande êxito.

Lemos com interesse as referidas páginas e através delas, quando o autor exalta a missão altruísta do bombeiro, vê-se que escreve com o coração e por isso as figuras têm vida. É interessante ainda notar que a personagem principal do drama, um bombeiro que arrisca a sua vida para salvar duas crianças, é um antigo escoteiro.

Muito gratos pelo exemplar oferecido e um abraço de felicitações a Ribeiro Nunes.

IMPRENSA

SEMEADOR BAPTISTA

Com o seu número 15 de Novembro findo, entrou no 23.º ano de publicação este nosso estimado colega de Leiria.

Por esse motivo, ao seu Director e colaboradores, enviamos os nossos parabéns e votos de muitos triunfos.



O Sonho do Chico

Francisco José Ferreira—o Chico, como todos lhe chamavam com amistosa familiaridade—era um rapaz de doze anos que tinha acabado de fazer o seu compromisso de honra no Grupo de Escoteiros anexo à Igreja Evangélica a que pertenciam seus pais e que ele também frequentava com eles.

Criado no seio de uma família cristã, que o era de nome, de coração e na prática, aprendera de pequenino a amar o bem e a aborrecer o mal. Por isso, nele o fazer bem era tão natural como o comer e o dormir. Isto, porém, não quer dizer que o Chico fosse um rapaz absolutamente perfeito. Não há mesmo ninguém no mundo que se possa considerar absolutamente perfeito. A História da Humanidade só regista o nome de um Homem perfeito em absoluto, como criança, como rapaz e como adulto. Chamava-se Jesus e passou a sua juventude numa pequena cidade da Galileia, na Palestina.

Todavia, o Chico, embora não fosse perfeito, era o que se costuma chamar um bom rapaz. As faltas que cometia, que não eram faltas graves, eram devidas, não ao seu desejo de fazer mal—que o não tinha—, mas à natural fraqueza da natureza humana. Agora, porém, que tinha feito o seu compromisso de honra, um pensamento o preocupava constantemente: praticar diàriamente uma boa acção, pelo menos, segundo a recomendação do 3.º mandamento da Lei do Escoteiro.

Certo dia, o Chico levantou-se e começou logo a pensar no terceiro mandamento, decidindo que esse dia não havia de passar sem que ele praticasse uma boa acção. Por boa acção, porém, o Chico não entendia qualquer pequeno acto vulgar de bondade: ele julgava que tinha de ser um acto extraordinário. Ora aquele dia passou-se assim:

Logo pela manhã, o Chico ajudou a mãe a partir a lenha para o fogão e foi buscar o pão e o leite. Tomou o pequeno almoço e foi para a Escola Comercial que frequentava. No caminho tirou do passeio várias cascas de banana e de laranja, para evitar que alguém caísse, escorregando nelas. Na escola repartiu a merenda com um aluno mais pobre, que não podia levar nada para comer. A um outro aluno que começou a chorar na aula de matemática, porque não tinha conseguido fazer certos três problemas dos dez que o professor mandara fazer, dirigiu palavras de ânimo e conforto, dizendo-lhe que poderia, de vez em quando, ir a sua casa para estudarem juntos, pois ele o ajudaria a compreender certos problemas de matemática. E assim enxugou as lágrimas do companheiro. Chegado da escola, estudou e fez os seus deveres escolares, e depois ajudou a mãe e o pai em várias tarefas caseiras, procurando ser útil em tudo.

Mas a noite chegou e o Chico recolheu ao seu quarto e deitou-se com uma tristeza a pesar-lhe no coração: não tinha praticado uma boa acção naquele dia. Isto era o que ele pensava, porque todos os seus pequenos actos de bondade praticados naquele dia ele os considerava como coisas banais e sem importância. Ainda a pensar nisto, o Chico adormeceu e começou a sonhar. Sonhou que se levantou de manhã e não quis ajudar a mãe nas tarefas matutinas da casa, o que a obrigou a muito maior canseira. Continuou a sonhar que foi para a escola e viu muitas cascas de fruta nos passeios, mas não se deu ao trabalho de as tirar de lá; viu mesmo um velhinho e uma criança escorregarem nelas e caírem, magoando-se bastante, mas isso também lhe não deu cuidado. Na escola, a um aluno que tinha fome, não deu nada da sua merenda. A um outro, que chorava por não poder compreender bem certas matérias do estudo, não dirigiu qualquer palavra de conforto ou qualquer ajuda. Depois veio para casa. Fez os deveres escolares, porque tinha de ser, mas, logo que os acabou de fazer, foi brincar sem se dar ao incómodo de perguntar ao pai e à mãe se os poderia ajudar nalguma coisa. Depois, continuando no seu sonho, pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia: «Tal seria o mundo se ninguém se importasse de fazer pequenos actos de bondade e de dizer pequenas palavras de amor».

Quando acordou, o nosso juvenil escoteiro sentiu-se envergonhado só de pensar no que sonhara. Mas, pensando mais, compreendeu que as suas pequenas acções de amor não tinham sido em vão, e deu graças a Deus.

Poucos dias depois, na Festa do Natal, o Pastor dizia, junto da árvore festiva:

«Meus caros amiguinhos: O Natal é assim alegre, porque é a festa de aniversário d'Aquele que veio ao mundo para dar a Sua vida em amor pela Humanidade. O Natal é o tempo das dádivas. Ora, todos nós podemos dar alguma coisa, ou fazer alguma coisa em favor dos nossos semelhantes. Nem todos podemos ser heróis de grandes feitos, mas todos podemos encher a vida de pequenos actos de amor e de pequeninas palavras de bondade. Digo-lhes mais: é mais fácil ser herói numa hora, nalguma ocasião especial, do que herói, herói perseverante, em todos os dias e em todas as horas. É destes heróis de cada dia e cada hora, destes heróis das pequeninas lutas de cada dia, que o mundo tem mais necessidade. Quereis vós, meus amiguinhos, ser do número destes heróis?

«Antes de encerrarmos a nossa festa de Natal, quero que aprendais comigo esta duas quadrazinhas:

Pequeninas gotas de água,
Pequeninos grãos de areia,
Fazem o mar, vasto, imenso,
E essa praia que o rodeia.

Palavrinhas de bondade,
Pequenos actos de amor,
Fazem este nosso mundo
Como o Edem do Senhor.»

O Chico ouviu tudo isto. Lembrou-se do seu sonho. Compreendeu melhor O coração encheu-se-lhe de alegria. E decidiu que, quando não se lhe deparasse oportunidade de praticar acções extraordinárias de bondade, procuraria, pelo menos, praticar todos os dias muitos pequeninos actos bons.

Natal de 1947.

PINTO RIBEIRO

O Escotismo na Capital

GRUPO N.º 79

Este Grupo iniciou no passado domingo, dia 16 de Novembro, uma série de visitas de estudo, fazendo parte da sua actividade de inverno, tendo visitado nesse dia o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém e o aquário de Vasco da Gama.

Na Torre de Belém, o Sr. Lobo de Carvalho, Chefe dos serviços administrativos, fez uma prelecção sobre a viagem de Vasco da Gama à Índia.

GRUPO ESTRELA

Este muito activo Grupo, que, a par da sua acção campista e excursionista, vem executando um interessante programa cultural, realizou no dia 4 do corrente uma visita ao Conservatório Nacional, seguida dum concerto de música.

Muito agradecemos o convite que tiveram a gentileza de nos oferecer.

O CONCURSO DE 1947

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O *«Sempre Pronto»* oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenham acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

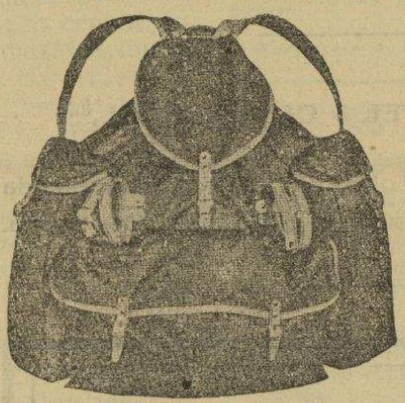
4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO — Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS

Prémio "VIEIRA CAMPOS„



Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 e 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

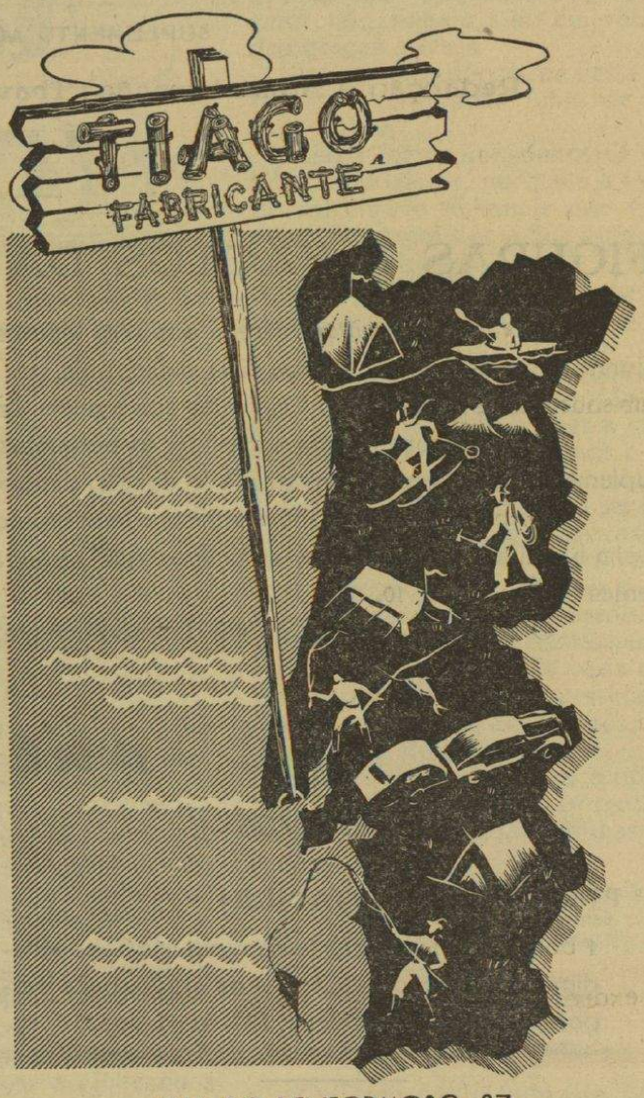
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75 — Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 31318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia....	»	10$00
1 cento....	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º .....

a) .....

.....

.....

b) .....

.....

.....

Nome do concorrente .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

A Cozinha do Acampamento

(Continuação da n.º 30)

Fogões de Petróleo

Embora tenha uma aplicação idêntica à da fogueira, o fogão de petróleo não pode ser considerado um modelo de fogueira, mas sim um substituinte desta.

O fogão de petróleo tem muitos detractores que consideram a fogueira imprescindível no acampamento, porque é ela que lhe dá a sua feição tão característica. Realmente assim é. O campismo e a fogueira são inseparáveis. O cunho fantasioso da selva, a sua beleza impressionante, que se pretende recordar no campo, perder-se-ia em grande parte se fossem suprimidas as fogueiras.

A fogueira do fogo de conselho é insubstituível, ainda que pela melhor iluminação. É ela que aquece e ilumina os escoteiros nas noites no campo, dando àquelas reuniões o aspecto de aventura e de cor, tão atraente e inimitável.

É na maneira de lidar com a fogueira que o escoteiro mostra toda a experiência adquirida em longos anos na «selva».

A fogueira tem ainda outros aspectos que a aconselham: o combustível é gratuito e o campista não tem que o carregar na sua bagagem, pois que o encontra no campo.

Contudo, o fogão de petróleo ainda apresenta algumas virtudes que, em casos especiais, tornam a sua utilização aconselhável:

1.º) Não suja intensamente, como as fogueiras, os recipientes da cozinha.

2.º) É rápido na confecção das ementas e não requer cuidados especiais na condução.

3.º) Pode ser utilizado dentro da tenda, grande vantagem, principalmente quando em dias de temporal.

4.º) Não há tantas possibilidades de perigo por propagação de fogo à vegetação próxima. (É certo que para o bom escoteiro este perigo não conta ou é ínfimo).

5.º) Pode ser acendido em qualquer local.

6.º) Tem grandes vantagens nas praias e terrenos onde a vegetação rareia, o que origina a falta completa ou pelo menos escassez de lenha.

Depois de apreciadas as vantagens do fogo de lenha e do fogo de petróleo, temos de reconhecer que tanto um como o outro são necessários nos acampamentos.

Por exemplo, os escoteiros têm toda a vantagem em usar fogão de petróleo, num acampamento em que seja necessário ganhar todo o tempo possível para empregá-lo em exercícios e provas estranhos ao serviço de cozinha. Por isso, é muito útil a todos os grupos de escoteiros, possuir uma destas máquinas, caso tenham recursos para a sua aquisição.

No próximo número focaremos alguns aspectos da utilização do fogão de petróleo.

(Continua)

Primeiros socorros

(Continuação do n.º 31)

O Sistema Nervoso

O sistema nervoso compreende: o encéfalo, a medula, os nervos e o grande simpático.

O encéfalo, encerrado na cavidade craniana, divide-se em cérebro, cerebrelo e bolbo.

O cérebro, estação central do sistema, é o órgão base da inteligência, da vontade e das sensações, é o que preside às funções vitais. Envia as fibras nervosas aos órgãos dos sentidos (olfacto, ouvido, vista e gosto) e a distintas partes do corpo, através dos orifícios do crânio.

O cérebro é o coordenador dos movimentos e órgão do equilíbrio. O bolbo é a base dos centros da circulação e respiração.

A medula espinhal, continuação do encéfalo, é um comprido cordão alojado no canal vertebral e emite pelos orifícios de conjunção numerosos nervos que se estendem por todas as regiões do corpo e que transmitem os movimentos (ramificações anteriores) e recebem as sensações (ramificações posteriores), que são enviadas ao cérebro.

Os nervos ligam o encéfalo e a medula, com as terminações nervosas que se encontram distribuídas por todas as regiões do corpo. Existem duas classes de nervos: motores e sensitivos.

Os primeiros (ramificações anteriores), terminam nos músculos. Recebem comunicações do cérebro e fazem com que os músculos se contraiam e produzem movimento. Os segundos transmitem ao cérebro as comunicações recebidas.

O grande simpático está ligado ao sistema nervoso central por fibras nervosas; não está debaixo da dependência da vontade e preside às funções orgânicas (circulação, respiração, nutrição, etc.).

Compõe-se de dois cordões estendidos ao comprimento da coluna vertebral, apresentando uma série de avultamentos intercalados em seu trajecto e que constituem os gânglios simpáticos.

Transcrito de *"El Scout Argentino"*

Insígnias de aptidão

ESCRIBA

(Secretário)

Para escoteiros com menos de 15 anos de idade.

Insígnia: Uma pena e um papel.

1—Prestar provas de caligrafia francesa e inglesa, e escrever uma carta de memória sobre um assunto dado verbalmente cinco minutos antes.

2—Demonstrar conhecimento dos serviços postais, incluindo taxas postais e telegráficas, chamadas telefónicas, incluindo malas postais e redes telefónicas.

3—Demonstrar conhecer o cargo de correspondente do Grupo e saber usar correctamente as listas telefónicas, roteiros das cidades, e outros anuários.

4—Escrever satisfatòriamente um relatório de uma reunião, acampamento de Grupo, etc.

5—Conservar o Arquivo de uma Patrulha por um mínimo de seis meses. Conservar o Arquivo do Grupo um mínimo de três meses.

Quem não sabe... pergunta

PERGUNTA—Folgo imenso, Sr. Doutor, em poder aproveitar a oportunidade que V. Ex.ª me proporciona para saciar a minha sede de *saber escotista*. Se faz favor informa-me:

a) a quem compete e nomeação ou eleição do Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal?

b) por quanto tempo é o mesmo nomeado ou eleito? É cargo vitalício?

c) quando tomou posse o actual presidente?

d) quando se reúne a Assembleia Geral Ordinária da A. E. P.?

Muito agradecido,

UM DOS VELHOS

RESPOSTA—Se Você, meu caro, é *um dos velhos* deve saber quase tudo que me pergunta. Desconfio que deseja apenas saber as minhas *sapientes sentenças*. Sempre lhe faço a vontade:

a) O Presidente da A. E P. é eleito pela Conferência de Dirigentes, eleição homologada pelo Sr. Comissário da Nacional da Mocidade Portuguesa. (Art. 14.º, § 3.º dos Estatutos e § 1.º do art. 2.º do Decreto-lei n.º 1908);

b) É eleito por dois anos (Art. 15.º dos Estatutos), podendo ser reeleito;

c) O actual Presidente tomou posse em Abril de 1942;

d) A Assembleia Geral toma o nome de Conferência de Dirigentes, na qual reside a soberania associativa, e reúne obrigatòriamente de dois em dois anos (Art. 15.º dos Estatutos).

Está pois o meu amigo elucidado.

DR. CORUJÃO

UM GRANDE EXEMPLO

Pessoa amiga, companheira de viagem, facultou-me a leitura de um volume, certamente desconhecido de muitos dos nossos leitores.

Intitula-se o livrinho «O Saboá — Alma de neve e de púrpura», obra editada pelo Instituto Salesiano de Mogofores. Na capa, destaca-se o emblema do Corpo Nacional de Escutas.

Foi com o maior interesse que percorri as suas páginas e algumas vezes os meus olhos se turvaram ante o relato comovedor da vida sem mácula de um nosso irmão no Escotismo, Domingos Vidal da Encarnação (1927-1944).

Esta pequena brochura — que devia existir nas sedes de *todos* os Grupos, dada a sua alta finalidade e reduzido custo—constitui um hino à vida de um rapaz que tão bem soube evidenciar qualidades sem as quais não se é escoteiro.

Já o prefácio, transcrevendo as palavras sensatas do escoteiro francês Guy de Lagandie, nos serve de preciosa lição. Com efeito, aquele nosso camarada, caído na fronteira do Luxemburgo em 1940, deixou algures escrito estes conselhos que ninguém deverá olvidar:

— «Há um bom meio de tornar amável a nossa alma: o sorriso. Saber sorrir! Que poder de apaziguamento! Poder de doçura, de calma, de irradiação!

«Por vezes, é difícil achar a palavra conveniente, a atitude verdadeira, o gesto apropriado. Mas sorrir? É tão fácil... e resolve tantos problemas».

Estas frases, a justificar plenamente o artigo da lei que determina estejamos «sempre alegres e bem dispostos» são a legenda da vida breve deste nosso irmão no escotismo.

Filho de família pobre, cujo chefe partira na miragem da fortuna para o Brasil, donde jamais dera sinal de si, Domingos, sentiu-se, desde o berço, desprotegido. O sofrimento acompanhou-o desde menino, mas a chama altíssima da Fé deu-lhe sempre ânimo para encarar o seu calvário. Sofrendo fomes e desconfortos de toda a espécie, Domingos Vidal, antes de ser escuta, — isto é, antes de se ligar pelos laços do compromisso, — já procedia como se escoteiro fosse. Era com o sorriso nos lábios que colocava às costas a sacola e ia, de porta em porta, mendigar o pão dos seus.

O «Saboá»—alcunha de família —era popular em Ílhavo, pela maneira como encarava as dificuldades. «A alegria desprendia-se de todo ele: dos olhos belos e bondosos, do seu gesticular, do corpo agilíssimo e sempre em movimento». O grande amor pelo pai, que não conhecera, levava Domingos Vidal a defendê-lo, quando, na sua presença, o culpavam do abandono do lar e, fortalecido pelos bons exemplos de sua mãe, cedo lutou pela vida, em várias profissões humildes, procurando preencher o lugar do querido ausente.

Em 1940, fez a sua promessa no Grupo n.º 46, de Ílhavo. Ufano, estimava a sua farda, adquirida à custa de auxílios e sacrifícios, revia-se nela. Em ser escoteiro sentia o maior orgulho e jamais o abandonava a «flor-de-lis». Nunca faltou a um acampamento, a uma actividade, a uma reunião, sequer...

O escotismo aperfeiçoou-lhe as naturais qualidades, o que o próprio Domingos Vidal reconheceu numa carta escrita aos companheiros do grupo: «Às vezes, chego a perguntar a mim mesmo: se não fosse o escotismo, que seria eu? Eu, um rapaz pobre, estaria hoje contaminado de todos os vícios».

Pondo em prática os artigos da lei *scout*, era profundamente religioso, cumprindo com a maior devoção os deveres do catolicismo, que professava; bom e sincero, praticava, diàriamente, boas acções. Os seus conselhos pareciam os de uma pessoa amadurecida na idade, o seu procedimento apontado como exemplo. Domingos Vidal — alma de neve—sustentou renhidas batalhas consigo, para que não fenecesse em seu corpo o lírio da pureza. Económico, limitava ao mínimo os seus gastos e do que sobejava distribuía aos pobres de pedir.

O destino levou Domingos Vidal a criado de bordo e, aí mesmo, pôs sempre em prática os princípios escotistas. Ele próprio o confessava: «Encho-me de coragem quando me lembro de que sou um homenzinho e de que sou um escoteiro: que o escoteiro é destemido, nada teme e procura até vencer todas as dificuldades, vivendo o Escotismo mesmo longe da sede».

Quando a vida parecia entrar num caminho menos difícil, aproximou-se o fim. O sofrimento voltou a experimentá-lo: um desastre a bordo, cegou-o. Recuperou a vista, mas, pouco depois, a morte, sôb a forma de gripe infecciosa—adquirida ao ir assistir a uma actividade do grupo,—veio apoderar-se desse rapaz, cujo nome bem ficaria numa patrulha.

O seu último trabalho, interrompido para sempre, foi uma caixa de pronto-socorro para o grupo. E, vestido com a farda que tanto honrara, partiu Domingos Vidal para o eterno acampamento, levando nos lábios, ao abandonar o mundo, um sorriso—o eterno sorriso de escoteiro...

Dili, Março de 1947.

MANUEL FERREIRA

As origens da Revolução do 1.º de Dezembro de 1640

(Continuação da 2.ª página)

bia que alguma coisa se estava a preparar; o país começava a acordar do longo sono de 60 anos.

E veio a Revolução. Como um pequeno barquinho que o vento faz chegar depressa ao destino, assim os conjurados conseguiram atingir os seus desígnios. A bandeira dominadora de Espanha ia sendo arrancada e substituída pelo Pavilhão Português, tão novo como nos mais faustosos tempos da nossa Nacionalidade.

Pelas ruas, o povo não cessava de gritar: «Liberdade! Liberdade!» De todos os lados chegavam notícias de novas adesões ao Movimento Libertador. Uma a uma, as cidades e as vilas do país iam-se tornando outra vez portuguesas.

Os velhos pareciam rejuvenescidos e juntavam-se aos mais novos, todos prontos a combater pela defesa e liberdade de Portugal. Através do império, capitães valorosos organizavam os seus pelotões e repeliam o invasor estrangeiro e restauravam a soberania lusitana.

Portugal era já, de facto um país independente e livre. Nada o poderia agora evitar. A Revolução do 1.º de Dezembro tinha vingado, tinha vencido. Os que a tinham planeado sentiam-se inteiramente removoados; é que, julgando-se a princípio mártires, tinham-se transformado em Libertadores da Pátria. E para essas almas nobres, para os seus corações de verdadeiros patriotas, era muito mais grato viver com Portugal Libertado, que morrer deixando-o agrilhoado pela escravidão e moribundo, sangrando de feridas mui difíceis de estancar.

Portugal estava, pois, apto a continuar a cumprir o seu inigualável destino histórico.

JOEL RIBEIRO

O que importa possuir nos nossos quadros não são os corpos—as pessoas grades respeitáveis mas inúteis—: do que precisamos é de almas.

E uma alma é inteligência, memória e vontade.

PROF. DR. MARCELO CAETANO,
em «A Missão dos Dirigentes da M.ª P.»

Mais um êxito do "Sempre Pronto,,

A Exposição de Recordações e Fotografias do «Jamboree» Mundial da Paz

Conforme estava anunciado, no passado dia 22, realizou-se no Ateneu Comercial de Lisboa a inauguração oficial desta Exposição, a que presidiu, em representação do Sr. Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, o Sr. Tenente-Coronel José Ribeiro da Silva, mui digno Comandante Geral da Milícia daquela Organização Nacional.

O Director do nosso jornal abriu a sessão com algumas palavras de agradecimento, após o que o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo proferiu uma brilhante conferência focando diversos aspectos do «Jamboree» e apreciando o trabalho dos escoteiros franceses, cuja dedicação e energia constituem garantia de que a juventude da França erguerá de novo essa Nação amiga à glória a que tem merecido direito. Esperamos que no próximo número nos seja possível oferecer aos nossos leitores um extracto da conferência. O Sr. Dr. Figueiredo foi muito felicitado pelo representante do Sr. Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa e pela escolhida assistência que enchia por completo a vasta sala.

Como representante do Ateneu Comercial de Lisboa fez parte da mesa o Sr. Dr. Jorge Rebelo, a quem o nosso Director manifestou profundo reconhecimento pela cedência das salas da prestigiosa colectividade, a que a Causa da Educação tanto deve, e que ao «*Sempre Pronto*» tem dispensado uma colaboração tão simpática, quanto gentil.

Após a sessão o Sr. Tenente-Coronel Ribeiro da Silva inaugurou a Exposição, na qual se encontravam expostas mais de 300 fotografias, muitos recortes da imprensa portuguesa cedidos pela Índice e da imprensa estrangeira pela agência suíça Argus Internacional de la Presse, e muitas recordações do «Jamboree».

O representante do Sr. Comissário Nacional da M. P. percorreu demoradamente toda a Exposição, tendo-se retirado depois de ter manifestado o seu agrado por tudo quanto vira.

Após a inauguração o público percorreu interessadamente a Exposição, que no domingo de tarde voltou a ser muito visitada.

Para o bom êxito deste certame contribuiram o Sr. Adido da Imprensa da Legação de França que cedeu algum material exposto, e os laboratórios fotográficos: Agência Fotográfica; J. C. Alvarez, L.da; Garcez, L.da Ruiz, L.da, que executaram as ampliações expostas.

As decorações estiveram a cargo da Agência «Atar», as bandeiras foram cedidas pela Casa Cardoso, as tintas de decoração pela Favrel Lisbonense, do nosso camarada António Varela; e o material de campismo exposto pela casa Henry M. F. Haltherly, L.da.

Os expositores foram cedidos pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo.

O «*Sempre Pronto*» apresenta os seus agradecimentos a todas estas entidades que contribuiram para o êxito desta iniciativa, louvando o esforço da respectiva Comissão Organizadora composta pelos nossos colaboradores e camaradas Capitolino F. Macedo, Ernesto Nascimento, Armando Lino, Manuel Santana, Ferrer Monteiro, Alberto Brás e Eduardo Silva Xavier.

Últimas Notícias

Grupo n.º 2 — LISBOA

Este Grupo comemorou no passado dia 1 do corrente o seu 35.º aniversário, tendo efectuado à noite um chá de confraternização entre antigos e actuais escoteiros.

Grupo n.º 53—LISBOA

Igualmente e no mesmo dia o 53 comemorou o seu 14.º aniversário com uma sessão solene e diversas outras solenidades.

Grupo n.º 84—ENTRONCAMENTO

Também em 1 do corrente o Grupo do Entroncamento inaugurou a sua nova sede com comemorações brilhantes, às quais assistiram representantes dos Grugos 5, 7, 8, 9, 16, e 94, às quais o nosso jornal se associou.

No próximo número contamos dar mais largo relato de todos estes acontecimentos escotistas.

Exposição de Fotografias Escotistas

Esta exposição promovida pelo Grupo n.º 5 é inaugurada no dia 14 do corrente, às 16 horas, no Grupo Desportivo dos Tabacos, onde aquele Grupo tem a sua sede.

A Exposição estará patente ao público até ao dia 21 das 21 às 23 horas.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

N.º 4 — Dezembro de 1947

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

O Sol não tinha ainda nascido. A praia quase deserta. As ondas vinham regular e preguiçosamente estender-se na areia, desfazendo-se em espuma. Ao longe um nevoeiro estendia-se sobre as águas, como se uma cortina tivesse sido estendida a ocultar o que além se encontrava. A Ilha Deserta, que ficava fronteira à praia, permanecia atrás dessa cortina e só o pico conseguia sobressair por cima dela.

*—Embarcação à água!,—gritou o José, como que acordando os rapazes que se tinham deixado ficar a observar a paisagem daquela serena madrugada. E todos à uma, se lançaram a empurrar o barco a caminho da água, com o esforço compassado pelos brados ritmados do guia:—*Ó vai... ó vai... ó vai... *E foi mesmo. Dentro de poucos momentos a embarcação vogava sobre as águas e a rapaziada tratava de fazer carregar o equipamento e abastecimentos.*

Entretanto o Sol começava a surgir na linha do horizonte. Primeiro não passava duma claridade rósea do lado do oriente, depois surgiu na água um bordo luminoso e logo depois uma enorme bola vermelha que ràpidamente se elevou no espaço e iluminou a Terra.

—Ó Guia, como é lindo o nascer do Sol!,—disse o Pedro deslumbrado por tal espectáculo. O José, que se tinha também deixado ficar a admirar o arrebol, responde: —E lembrarmo-nos nós d que tantos rapazes por essa cidade nunca tiveram oportunidade de ver esta maravilha. Cantemos a nossa canção. E todos em uníssono gritaram:

Surge o Sol no horizonte,
Surge a alegria na Terra,
É prata a água da fonte,
São de ouro as urzes da serra.

— Lá vem o Chefe,—interrompeu o Raul. Imediatamente o Guia mandou reunir; a patrulha formou na areia e fez a saudação, a que o Chefe respondeu jovialmente e ordenou que passassem à vontade.

—Então, tudo a postos para a viagem?

—Tudo pronto Chefe, — responde o Guia. — Não esperava agora a sua visita.

—Bem sabes que gosto sempre de vos ver. De resto queria avisar-vos de que todas as noites às 11 horas estarei no terraço da sede para receber as vossas notícias. Levam a lanterna de Morse, não é verdade?

—Levo sim Chefe,—respondeu o Guia prontamente.

—Bem. Os sinais de identificação continuam a ser os mesmos e em caso de dúvida aplicam a senha que está neste sobrescrito que só será aberto em caso de necessidade,—sentenciou o Chefe passando para a mão do Guia um sobrescrito lacrado.

«E agora boa viagem e melhor acampamento».

Um abraço a cada um fez terminar as despedidas e já o barco deslizava sobre as águas impelido pelo vento que brandamente soprava as velas, quando o Guia gritou: — Pelo nosso Chefe! Baiete!—*E em uníssono todos secundaram: —* Baiete!... Baiete!... Baiete!...

Foi necessário fazer uso dos remos para acelerar a marcha. E foi só quando o barco mal se divisava, que o Chefe, um jovem entusiasta de 25 anos, deixou a praia com um sorriso de satisfação nos lábios. Se estivéssemos mais perto dele teríamos ouvido exclamar-lhe:—Boa patrulha!

Mal adivinhava o zeloso Chefe que, à hora em que ele abandonava confiadamente a praia, estavam os oito rapazes da Patrulha Tigre passando por uma grave provação. Um pé de vento, ocorrência muito vulgar naquelas paragens, tinha-se levantado junto à Ilha Deserta e a embarcação corria sério risco. É nas dificuldades que se conhece a têmpera do escoteiro e a tripulação daquela pequena canoa iria dar provas, naquela emergência, de quanto valia a educação que vinha recebendo nas fileiras escotistas.

CONTINUA

O que vimos no "Jamboree,,

(Conclusão do número anterior)

Ali, o campo dos filipinos, que também está interessante pela forma como armaram a entrada. Toda construída com varas de escoteiro, e com a altura de 8 metros e 3 de largura. Acolá o campo inglês. Destaca-se também pela sua porta, representando a cúpula da catedral de S. Paulo, feita só com varas e espias. Deviam ter grande trabalho em formar a abóbada. Que engraçada aquela barraca dos escoteiros da Argélia! Fica à altura dum primeiro andar, armada sobre um estrado que por sua vez está assente sobre quatro mastros, servindo um deles de escada, pois tem pregado umas travessas que indicam bem para que servem.

Por esta bonita rua à direita vai-se para o rio Sena. Na margem de lá, está instalado o acampamento dos escoteiros marítimos. Há um pequeno vapor que faz a ligação entre as duas margens. Mais além, a cerca de quilómetro e meio, fica o campo de aviação; mediante o pagamento de 300 francos qualquer escoteiro pode voar durante 15 minutos. Ali à esquerda, aquela enorme prancha, é para o lançamento de paraquedistas. E agora que estão quase a terminar os 10 quilómetros, temos por último esta bonita maqueta duma caravela com os seus 30 metros de comprimento, onde nada falta senão a água para navegar. Encontramo-nos de novo no ponto de partida. Este trajecto que fizemos é o percorrido pelo comboio miniatura. É certo que passámos despercebidamente por muita coisa digna de admiração, mas também é certo que se fôssemos a apreciar todos os sub-campos, a nossa visita teria de ser muito mais demorada. Faltámos a quase uma obrigação: visitar o campo dos doentes e inválidos. Embora tivesse sido preparado por outros, também tem algum trabalho feito por eles.

Agora, à direita, temos a avenida que vai dar ao campo das Escoteiras, chamado estrada dos Chineses. Sigamos por ela, que também é bastante extensa. Ali à direita, aquele palco armado ao ar livre, é onde se realizam os fogos de conselho em conjunto. A seguir são os sub-campos dos hindus, turcos e belgas. À esquerda, estas centenas de tendas que vemos por trás da vedação, é onde está instalado o Quartel General. Entremos para ver mais de perto as óptimas instalações, onde nada falta para orientar, ou melhor, administrar esta cidade com 60.000 habitantes e alguns milhares de visitantes. Estamos na rua principal, dela podemos apreciar o que este campo comporta. Tendas para jornalistas e repórteres trabalharem, tendas de informações aos jornalistas e delegados estrangeiros, barracas onde estão instalados os postos de radiodifusão, tais como a B.B.C., Radiodifusão Francesa e Rádio Luxemburgo. Posto de recepção e entrega de correspondência referente à imprensa estrangeira, Bar Internacional, restaurante, cozinha, 6 cabines telefónicas com ligação directa para qualquer ponto da França, centenas de tendas apetrechadas com camas desmontáveis, luz eléctrica ou de carboreto; cabides e lavatórios, destinados aos delegados, jornalistas e repórteres, pessoal técnico em serviço do Q. G. Um bom parque para recolha de 2.000 automóveis, e por fim os lavabos e outros requisitos higiénicos, tal como nos outros campos. Saímos do Q. General e cá estamos outra vez na avenida que há pouco deixámos. Continuamos a descer, e temos à esquerda a administração, redacção e tipografia onde é feito o jornal «Jamboree-France», um diário que não só contém as notícias referentes ao acampamento, como também do estrangeiro. Foi por ele que tive conhecimento do desastre ocorrido em Vila Franca de Xira, quando do descarrilamento dum comboio.

À direita temos os grandes armazéns de abastecimento e material, onde podemos alugar, comprar ou pedir emprestado toda a espécie de ferramentas, pregos, arames, tubos, madeiras, palha, areia, carvão, gasolina, petróleo, carros de mão, bicicletas, *Jeeps*, enfim, tudo que puder ser necessário ou utilizado numa cidade. E para confirmar que nada falta, vejamos: num dos primeiros dias da minha estadia precisei de ali ir. Entrei e uma barraca despertou-me a atenção por ter escrito sob a porta uma palavra que não consegui traduzir. Qual não foi o meu espanto quando espreitei e vi dentro uma quantidade de caixões. Mais uma prova que tudo tinha sido previsto...

ARMANDO LINO

CALENDÁRIOS ESCOTISTAS PARA 1948

Com uma interessante e sugestiva gravura; assinalando as diversas datas escotistas

PREÇO-ESC. 3$00

(Pelo correio acresce o porte)

À VENDA NESTA REDACÇÃO

Concurso das figuras e factos da História de Portugal

VIII

Os portugueses haviam ganho a primeira cartada. Contudo, outra não menos espinhosa tarefa se impunha agora: a de consolidar a nossa independência. Para isso, foram nomeados diversos capitães a fim de organizarem a defesa das nossas fronteiras. Um bravo general foi colocado na província alentejana. Impetuoso e cheio de vontade de mostrar ao inimigo o valor dos Portugueses, este general não dava tréguas aos espanhóis. Registavam-se frequentemente escaramuças na fronteira e até pequenas incursões no território inimigo, onde os nossos adversários eram castigados impiedosamente.

Foi assim que, num dia, um pequeno exército português entrou em território espanhol e tomou uma pequena praça da Estremadura espanhola.

Porém, o comandante português, temendo alguma surpresa e em vista do diminuto número dos seus soldados, deliberou regressar ao nosso país.

No entanto, o comandante espanhol resolveu enviar forças para cortar a retirada aos portugueses e infrigir-lhes uma severa punição pela sua ousadia.

O comandante português, prevendo todas as eventualidades, tinha as suas tropas organizadas, de forma a poder responder prontamente a qualquer ataque de surpresa.

Desta maneira, as tropas espanholas encontraram-se com os portugueses, e o comandante destes dispôs logo as suas tropas para a acção.

Quando esta começou, registou-se um acontecimento que ia comprometendo a situação: uma das alas do nosso exército, a que competia enfrentar o primeiro ataque da cavalaria espanhola, pôs-se em fuga desordenada, o que veio a tornar a situação quase irremediável para os portugueses, pois dentro em pouco os espanhóis conseguiram aprisionar a nossa artilharia.

Espavoridos ante o desenrolar dos acontecimentos, muitos soldados puseram-se também, em fuga.

A situação era extremamente difícil. Num momento e sem disparar um tiro, o comandante português viu-se sòzinho e antevendo já a humilhante derrota que se aproximava.

Contudo, o seu brio de militar audaz e valente, não se conformava com a degradante derrota. Olha as tropas inimigas e vê que ainda há possibilidade de fugir a tão tristíssimo fim.

O que se passou é-nos narrado por Pinheiro Chagas nos seguintes termos:

«Aliciando quase a um e um os soldados, forma novos batalhões, compostos ao acaso de soldados tirados de todos os terços, precipita-se com eles sobre os espanhóis surpreendidos, retoma as peças perdidas, D. João da Costa imediatamente as coloca em bataria no sítio mais próprio, vareja sem piedade os inimigos, metralha-os à queima-roupa, impede-os assim de se formarem de novo, e o barão de Mollingen, que não tem reserva, que não tem tropas frescas para fazer face a este retorno ofensivo, é obrigado a procurar a salvação na fuga, e só parou na margem oposta do Guadiana, onde pôde apurar apenas nove dos trinta e quatro esquadrões de cavalaria com que entrara na batalha, e três dos nove terços de infantaria».

---

a) *Que episódio da nossa História é narrado acima?*

b) *Como se chamava o comandante português?*

(Para responder, preencher o cupão que se encontra no suplemento junto).